



EMEF. DEZENOVE DE ABRIL.

ATIVIDADE REFERENTE A SEMANA 04 – 24/03/2025 a 28/03/2025

COMPONENTE CURRICULAR: História

TURMA: 71/72

PROFESSOR (a) Marcos Antônio

OBSERVAÇÕES: O planejamento da aula poderá sofrer alterações conforme a necessidade do professor (a).

ORIENTAÇÕES: Responder: a) O que você entendeu sobre expedições marítimas b) Por quais motivos os portugueses se lançaram para estas viagens? C) O que dificultava as viagens dos europeus pelo mar Mediterrâneo para chegar à Ásia?

A partir do século XV, os europeus deram início às Grandes Navegações oceânicas. Os portugueses tomaram a dianteira, desbravando o oceano Atlântico, depois o Índico. A Europa alargou seus horizontes geográficos.

Enfrentar os mares era motivo de grande temor, pois, na sociedade da época, acreditava-se que os mares eram a morada de monstros. Apesar de apoiados na melhor tecnologia da época, os europeus continuavam acreditando em criaturas sobrenaturais. Enfrentaram o medo, conheceram diferentes povos dos quais nunca tinham ouvido falar e chegaram a terras distantes, batizando-as de América.



*Nauta Erythreum pauidus qui nauigat aequor,
In priora et puppis summo resonantia pendet.*

*Tantinnabula : eo sonitu pra-
Balnas, et Monstra marina à*

O que as especiarias cravo e canela têm a ver com a Expansão Marítima europeia do século XV?

Bartolomeu Dias, o navegador português



Representação do navegador português
Bartolomeu Dias. Gravura de autor
desconhecido, século XIX.

Na cidade de Lisboa, em agosto de 1487, a esquadra portuguesa partiu para o oceano Atlântico. Não era a primeira vez que os portugueses navegavam em alto-mar, mas essa viagem era especial, pois a missão envolvia grande risco.

Os navegadores portugueses deveriam contornar o continente africano e ultrapassar o sul da África, rumo ao oceano Índico. Ninguém tinha ousado realizar uma expedição como essa.

O rei dom João II (1455-1495) escolheu o navegador Bartolomeu Dias (1450-1500) para comandar a expedição. Bartolomeu era muito estudioso, além de experiente. Conhecia Matemática e Astronomia e já tinha comandado outras viagens pela costa africana.

A **tripulação** estava ansiosa e apavorada. O medo era justificado, pois a **esquadra** tinha de atravessar a parte mais ao sul do continente africano, conhecida como **cabo das Tormentas**. Ali, ondas gigantescas atingiam mais de 15 metros de altura. Muitos achavam que a missão seria impossível.

Tripulação:

Equipe que realiza as operações em determinado meio de transporte (no caso, em navios).

Esquadra:

Conjunto de navios.

Cabo:

Porção de terra que avança em direção ao mar.

Pergunta motivadora

Além do cravo e da canela, são consideradas especiarias a pimenta-do-reino e a noz-moscada, por exemplo. Caso considere adequado, incentive os estudantes a refletir sobre a presença das especiarias em seu cotidiano, identificando seus usos contemporâneos.

Quem é esse personagem?

O personagem micro analítico do capítulo é o navegador português Bartolomeu Dias. Em meio ao processo de Expansão Marítima europeia, Bartolomeu Dias foi o primeiro a ultrapassar o chamado Cabo das Tormentas, ao sul do continente africano. Anos depois, o rei português dom João II o rebatizou de cabo da Boa Esperança. Comente com os estudantes que, entre a passagem do cabo Bojador, por Gil Eanes (1434), e a do cabo das Tormentas, por Bartolomeu Dias (1488), os portugueses levaram 54 anos para completar o reconhecimento da costa ocidental africana. Se necessário, é possível recorrer ao mapa *Costa africana: expedições marítimas portuguesas – 1415-1462*, localizado na página 20 do capítulo.

Comente também que, à época, diversas inovações técnicas foram importantes para o desenvolvimento das navegações, que exigiram, ademais, a produção de conhecimento sobre correntes marítimas, ventos, acidentes geográficos, etc. O acúmulo desse conhecimento, aliado ao saber adquirido nas viagens já realizadas, registrado em livros de bordo e relatos de viagens, possibilitou o avanço das navegações oceânicas. Julgando interessante, questione os estudantes a respeito das inovações técnicas da época, como as relacionadas aos instrumentos de localização ou aos tipos de embarcação. Na tentativa de descobrir o que eles sabem a respeito da caravela, por exemplo, é possível dar início ao trabalho com o TCT Ciência e Tecnologia. A caravela era um navio movido pelo vento, que tinha de dois a três mastros com velas de formato triangular, comum nas viagens de longa distância.

A Expansão Marítima europeia

Com o Mediterrâneo controlado pelos muçulmanos, os navegadores europeus centraram esforços para chegar ao Oriente, terra das especiarias, por uma outra rota marítima: o Atlântico.

Eles já realizavam longas viagens pelo mar Mediterrâneo desde a Antiguidade. E acreditavam que, se navegassem na mesma direção, logo avistariam terra.

Os navegadores europeus também estavam inseguros em relação ao que poderiam encontrar. A África era um mistério.

A expansão atlântica europeia foi uma aventura de altos riscos. Muitos navegadores queriam chegar ao Oriente, onde havia muitas riquezas, mas poucos faziam ideia de qual caminho tomar. Várias embarcações não chegaram ao lugar desejado, naufragando nos mares agitados pelas tempestades. Muitos marujos morreram afogados ou devorados por tubarões.

Os portugueses levaram quase um século costeando a África até chegar ao oceano Índico. Apesar dos riscos dessas viagens, os ganhos dos comandantes e marinheiros eram gratificantes. A Expansão Marítima foi estimulada pelo lucro, mas também por um motivo religioso: expandir o cristianismo no mundo.

Cabo da Boa Esperança, gravura de William Huggins, século XIX. Localizado no sul da costa atlântica da África, o cabo da Boa Esperança era conhecido pelos navegadores europeus, no século XV, como uma região de mar agitado, com fortes ondas, que dificultavam a navegação marítima.

Livro

A magia das especiarias. Janaína Amado. São Paulo: Atual, 1999.

Narrativa ilustrada sobre o fascínio das Grandes Navegações e a importância das especiarias orientais.

Texto complementar

O uso das especiarias na Europa medieval e moderna

Tradicionalmente, a palavra “especiaria” não designava qualquer tempero utilizado na cozinha, mas apenas os produtos exóticos, vindos de longe. Muitos desses produtos importados do Oriente não tinham uma função culinária, mas terapêutica. Quanto àqueles usados pelos cozinheiros, também eles eram usados como medicamento.

[...] Os tratados de Medicina do fim da Idade Média e início dos Tempos Modernos demonstram claramente a ligação entre especiarias e saúde corporal. No livro *Régime du corps*, de 1256, Aldebrandin de Siena escrevia que a canela teria o mérito de “reforçar a virtude do fígado e do estômago” e de “fazer que a carne tenha um bom cozimento”. Os cravos-da-índia “reforçam a natureza do estômago e do corpo, eliminam a ventosidade e os maus humores engendrados pelo frio, e ajudam no cozimento da carne”. *O tesouro da saúde*, publicado em 1607, por exemplo, dizia que a pimenta-do-reino “mantém a saúde, conforta o estômago, dissipia os gases. Ela faz urinar, cura os calafrios das febres intermitentes, cura também picadas de cobras, provoca o aborto de fetos mortos. Quando bebida, serve para tosse [...], mastigada com uvas purga o catarro, abre o apetite”. O cravo-da-índia era bom para “os olhos, para o fígado, para o coração, para o estômago. Seu óleo é excelente contra dor de dentes. Serve para diarreia de origem fria, e para as doenças frias de estômago [...]. Duas ou três gotas em caldo de capão curam a cólica. Ele ajuda muito na digestão, se for cozido num bom vinho com semente de funcho [...].

Texto complementar

O uso das especiarias na Europa medieval e moderna

Tradicionalmente, a palavra “especiaria” não designava qualquer tempero utilizado na cozinha, mas apenas os produtos exóticos, vindos de longe. Muitos desses produtos importados do Oriente não tinham uma função culinária, mas terapêutica. Quanto àqueles usados pelos cozinheiros, também eles eram usados como medicamento.

[...] Os tratados de Medicina do fim da Idade Média e início dos Tempos Modernos demonstram claramente a ligação entre especiarias e saúde corporal. No livro *Régime du corps*, de 1256, Aldebrandin de Siena escrevia que a canela teria o mérito de “reforçar a virtude do fígado e do estômago” e de “fazer que a carne tenha um bom cozimento”. Os cravos-da-índia “reforçam a natureza do estômago e do corpo, eliminam a ventosidade e os maus humores engendrados pelo frio, e ajudam no cozimento da carne”. *O tesouro da saúde*, publicado em 1607, por exemplo, dizia que a pimenta-do-reino “mantém a saúde, conforta o estômago, dissipia os gases. Ela faz urinar, cura os calafrios das febres intermitentes, cura também picadas de cobras, provoca o aborto de fetos mortos. Quando bebida, serve para tosse [...], mastigada com uvas purga o catarro, abre o apetite”. O cravo-da-índia era bom para “os olhos, para o fígado, para o coração, para o estômago. Seu óleo é excelente contra dor de dentes. Serve para diarreia de origem fria, e para as doenças frias de estômago [...]. Duas ou três gotas em caldo de capão curam a cólica. Ele ajuda muito na digestão, se for cozido num bom vinho com semente de funcho [...].